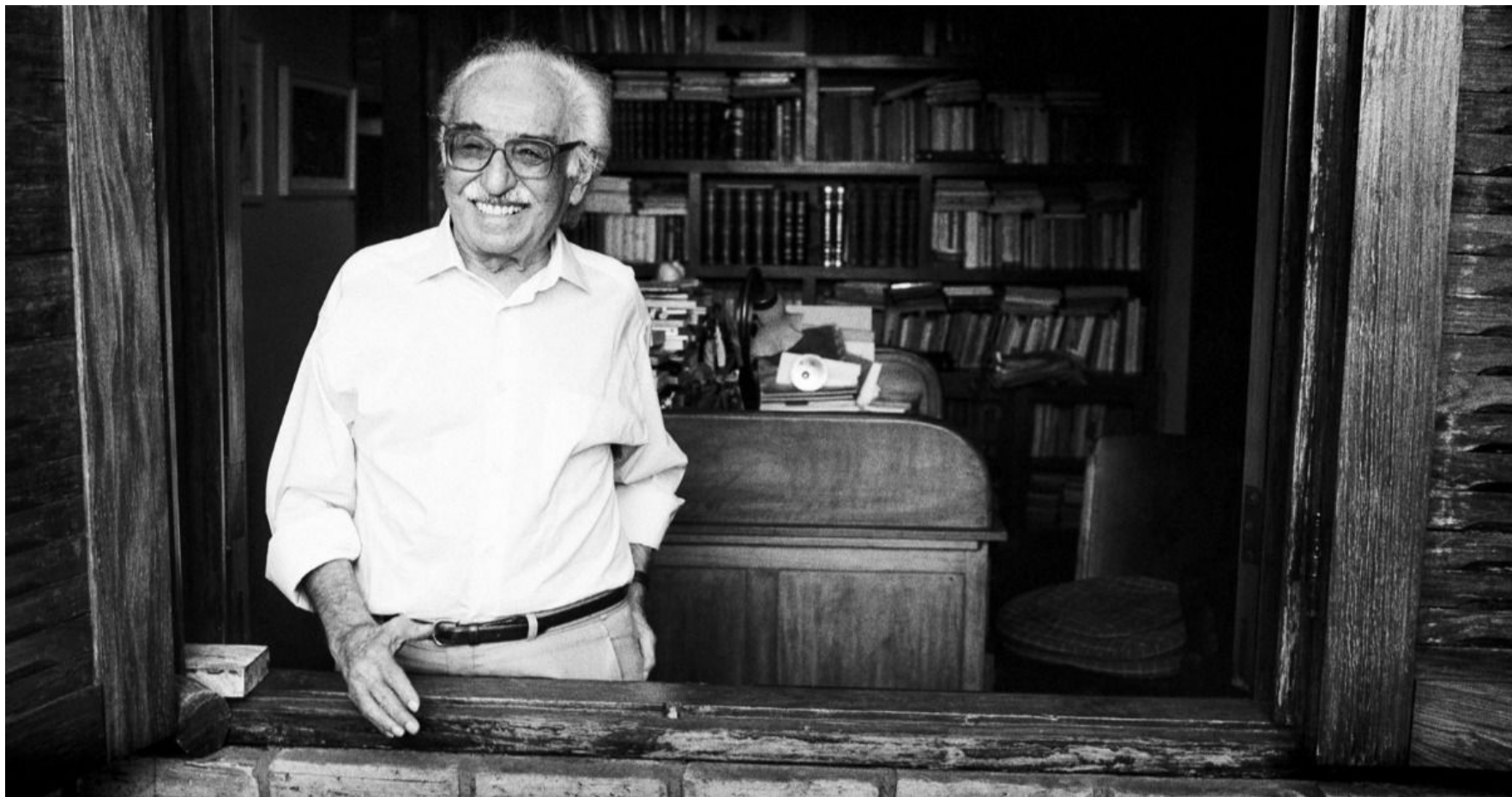


Entre locus e memória

Espaço simbólico e ressignificação do Si-Mesmo em Menino do mato de Manoel de Barros

Francesca Degli Atti
Università del Salento



Manoel de Barros (1916-2014)



No Pantanal ninguém pode passar a régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

“Mundo renovado”, LPC

As plantas
me ensinavam de chão.
Fui aprendendo com o corpo.

Hoje sofro de gorjeios
nos lugares puídos de mim.
Sofro de árvore.

“Na fazenda”, CPUP

Carrego meus primórdios num andor.

Minha voz tem um vício de fontes.

Eu queria avançar para o começo.

Chegar ao criancimento das palavras.

Lá onde elas ainda urinam na perna.

Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.

Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.

Pegar no estame do som.

Ser a voz de um lagarto escurecido.

Abrir um descortínio para o arcano.

(LSN)

Este não é um livro sobre o Pantanal. Seria antes uma anúncio. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódoas de imagens. Festejos de linguagem. Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris... (Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras... Isso é fazer natureza. Transfazer.) Essas pré-coisas de poesia. (“Anúncio”, LPC, p. 9)

Fomos rever o poste.
O mesmo poste de quando a gente
brincava de pique
e de esconder.
Agora ele estava tão verdinho!
O corpo recoberto de limo e de
borboletas.
(...)
Tivemos saudades de nós.

(PR)

Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.

“Achadouros”, MI1

Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós.

“Tempo”, MI2

Inventei um menino levado da breca
para me ser.

“Invenção”, M13

Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

“Manoel por Manoel”, M11

I

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com palavras

(...)

Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.

(...)

O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias para a gente bem entender a voz das águas e dos caracóis. (MM, p. 9)

V

*O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho
solidão e árvores.*

(...)

O lugar nos perdera de rumo (MM, pp. 17-18)

Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, e meu canto.
Meu canto reboja.
Não tem margens a palavra.

(AA)

*O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis.
O nada mesmo. Tudo o que use o abandono por dentro e por fora.*

“Pretexto”, LSN

*Não sirvo mais pra pessoa.
Sou uma ruína concupiscente.
(...)
Meu olhar tem odor de extinção.
Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antônio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.*

“Elegia de Seo Antônio Ninguém”, LSN

Fomos rever o poste.

*O mesmo poste de quando a gente brincava de pique
e de esconder.*

Agora ele estava tão verdinho!

O corpo recoberto de limo e de borboletas.

Eu quis filmar o abandono do poste.

O seu estar parado.

O seu não ter voz.

***O seu não ter sequer mãos para se pronunciar com
as mãos.***

(...)

Tentei transcrever para flauta a ternura dos arrulos.

Mas o mato era mudo.

*Agora o poste se inclina para o chão – como alguém
que procurasse o chão para repouso.*

Tivemos saudades de nós.

(PR)

*Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. Esta que eu ando nela agora é por abandono. Chega que os espinheiros a estão abafando pelas margens. Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. (...) Eu sinto que ela melhora de eu ir sozinho sobre seu corpo. De minha parte eu achei ela bem acabadinha. (...) **Eu estou imaginando que a estrada pensa que eu também sou como ela: uma coisa bem esquecida. Pode ser. Nem cachorro passa mais por nós. Mas eu ensino para ela como se deve comportar na solidão. Eu falo: deixe deixe meu amor, tudo vai acabar.***

“Caso de amor”, MI1, XII

Bernardo nem sabia que houvera recebido o privilégio do abandono.

(...)

Quando eu conheci Bernardo o ermo já fazia exuberância nele.

Bernardo completava o abandono. (MM, p. 13-14; 18)

Meu avô namorava a solidão.

Ele era um florilégio de abandono. (MM, p. 17)

*O menino que recebera o privilégio do
abandono.*

*Achava que o seu abandono era maior que
o abandono do lugar.*

*Mas o abandono do lugar era maior
porque continha o primordial. (MM, p. 63)*

Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono. (MM, p. 51)

*Ele sabia que as coisas inúteis e os
homens inúteis
se guardam no abandono.*

Os homens no seu próprio abandono.

E as coisas inúteis ficam para a poesia. (MM, p. 91)

*Vinham de longe para mim os silêncios
desprezados. (MM, p. 87)*

*O abandono do lugar me abraçou de com
força.*

E atingiu meu olhar para toda a vida.

*Tudo que conheci depois veio carregado
de abandono. (MM, p. 79)*

No gorjeio dos pássaros tem um perfume de sol? (MM, p. 43)

*Eu vi um lírio vegetado em caracol!
Isso não muda a feição da natureza? (MM, p. 47)*

*Ele até chegou um dia a pegar na crina
do vento.
Era sonho? (MM, p. 85)*

MENINO DO MATO

I

Eu queria usar palavras de ave para escrever. (...) (MM, p. 9)

II

(...) A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.

(...) A gente sempre queria dar braço às borboletas. (...) (MM, pp. 11-12)

IV

(...) Eu queria pegar com as mãos no corpo da manhã.

(...) Eu queria mesmo desver o mundo. (...) (MM, p. 16)

CADERNO DE APRENDIZ

1

*Eu queria ser banhado por um rio como
um sítio é. (...) (MM, p. 25)*

21

*(...) Eu queria mesmo que as minhas palavras
fizessem parte do chão como os lagartos
fazem.*

*Eu queria que as minhas palavras de joelhos
no chão pudessem ouvir as origens da terra. (MM, p. 65)*

29

Eu queria pegar na semente da palavra. (MM, p. 81)

33

(...) Eu queria aprender a harmonia dos gorjeios. (MM, p. 89)

35

Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.

Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.

Eu só não queria significar. (...) (MM, p. 93)

Eu queria ser banhado por um rio como
um sítio é.

(...)

VI

*Desde o começo do mundo água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.*

(...)

As águas são a epifania da criação.

Agora eu penso nas águas do Pantanal.

(...)

***Penso com humildade que fui convidado para o
banquete dessas águas.***

Porque sou de bugre.

Porque sou de brejo.

*Acho agora que estas águas que bem conhecem a
inocência de seus pássaros e de suas árvores.*

Que elas pertencem também de nossas origens.

*Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas
as plantas.*

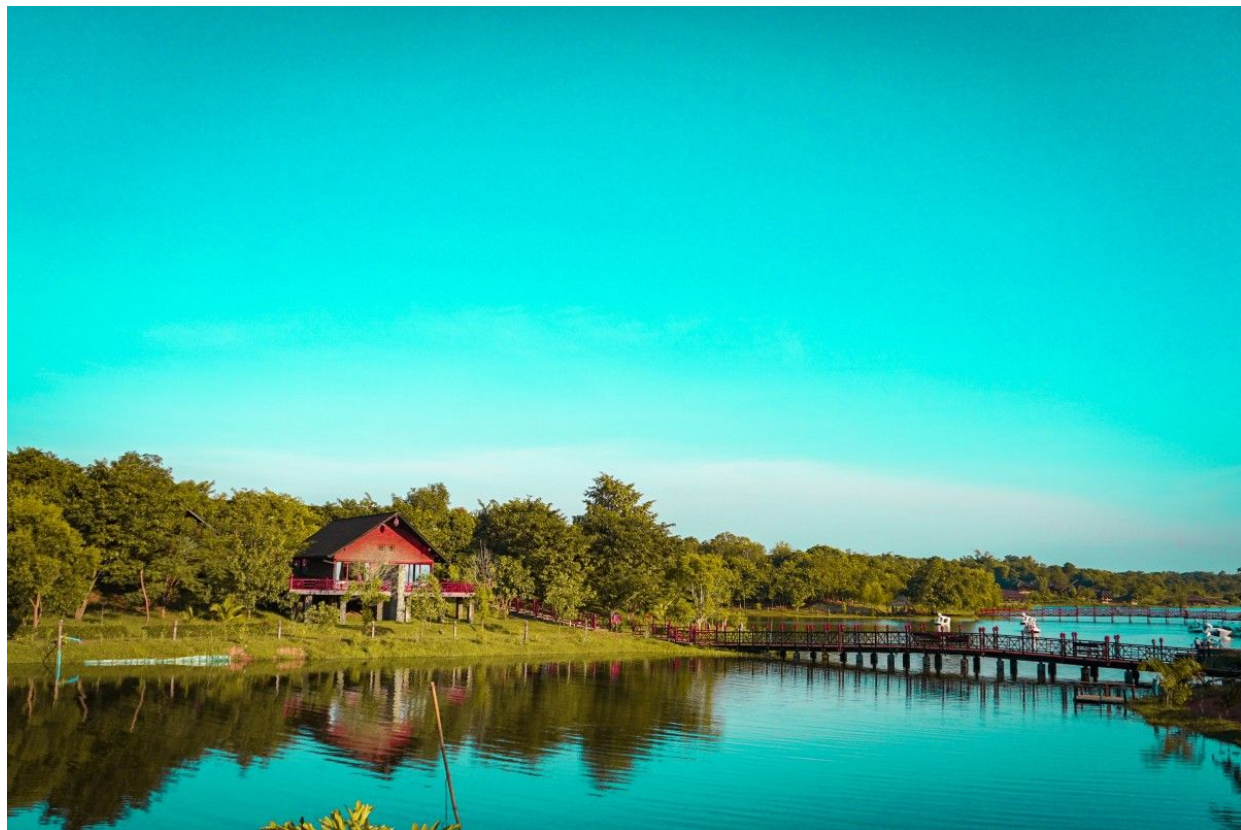
Veza que todos somos devedores destas águas.

*Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa
inocência de nossas origens.*

(MM, pp. 21-22)

Ele fazia parte da natureza como um rio faz, como um sapo faz, como o ocaso faz.

(MM, p. 13)



Obrigada